



Crianças e Jovens Fazendo Rádio: Canal Aberto Entre a Escola e a Universidade¹

Vera Lucia Spacil Raddatz²

UNIJUI- Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS

RESUMO

A proposta deste artigo é discutir o rádio como um instrumento importante para a educação de crianças e jovens, ampliando as possibilidades de interação entre a escola e a universidade e aproximando os campos da comunicação e da educação. Centra-se no estudo de como o rádio pode contribuir nesse processo, sendo levado para dentro das escolas pela Universidade como forma de pesquisa e extensão. Enquanto a extensão propicia o conhecimento das crianças e dos jovens acerca da mídia e da realidade, a pesquisa contribui para a compreensão dos processos de como eles aprendem e se relacionam com a mídia. A escola, por ser um lugar de formação, tem se mostrado um lugar estratégico para que essa temática seja debatida, numa perspectiva de que a educação e a comunicação podem contribuir diretamente para o exercício de uma cidadania mais crítica e responsável.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; crianças; jovens; escola; cidadania.

INTRODUÇÃO

Numa sociedade da informação e do conhecimento, modificam-se os modos de aprender e ensinar, o que implica necessariamente uma relação de comunicação entre a universidade, que forma os profissionais de todas as áreas, entre elas, os de comunicação e educação, e a escola. A mídia e as tecnologias de comunicação e informação podem ser aliadas nas formas de busca do conhecimento.

O rádio, por ser um meio de fácil acesso e baseado na oralidade, torna-se um instrumento dinamizador do desenvolvimento das práticas educacionais, quando inserido nos espaços educativos com uma proposta definida e centrada para esse fim, principalmente no ensino fundamental e médio. Mas é preciso que se abra uma relação de diálogo entre a universidade e a escola para que as ações não fiquem situadas no nível apenas do planejamento, pois ainda há uma distância considerável a percorrer no caminho de aproximação de fato entre as duas instituições.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado na Feevale, em Novo Hamburgo, de 17 a 19 de maio de 2010.

² Dra em Comunicação e Informação pela UFRGS; Professora e Pesquisadora da UNIJUI; Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Mídia, Tecnologias e Educação: formas de aprender e ensinar” e do Projeto de Extensão “Rádio na Escola”; e-mail: verar@unijui.edu.br



A partir da execução do Projeto de Extensão Rádio na Escola, pelo Curso de Comunicação Social da UNIJUI, durante os anos de 2008 e 2009 percebemos que o modo de aprender com o auxílio da mídia rádio deveria ser investigado como pesquisa científica. Como consequência nasceu o Projeto de Pesquisa “Mídia, Tecnologias e Educação: novos modos de aprender e ensinar”, que se utiliza do rádio, de outras mídias e tecnologias como instrumentos de pesquisa junto a crianças, adolescentes e jovens.

Este Projeto visa à realização de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois contribui para firmar conceitos e objetivos a serem alcançados. A metodologia baseia-se em técnicas que propiciam a observação do cotidiano e permite ao pesquisador a liberdade de agir como um repórter que investiga, indaga, discute, registra e socializa o resultado dessa discussão, gerando informação e conhecimento. Por meio de técnicas como pesquisa bibliográfica e na internet, observação *in loco*, entrevistas, grupos focais e oficinas de rádio, o estudo propõe-se a analisar como os estudantes aprendem quando estimulados por um suporte midiático ou tecnológico. A pesquisa enfoca escolas de ensino fundamental e médio da rede pública e particular de Ijuí e região.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As discussões desse texto fundamentam-se nos estudos teóricos da educomunicação, a partir de Mário Kaplun e Soares, na teoria das mediações, de Jesus Martin Barbero, nos estudos sobre as tecnologias a partir de Pierre Levy, na Complexidade do conhecimento, de Edgar Morin, nas concepções sobre a mídia em Thompson, e nos estudos da cultura contemporânea, compartilhando as idéias de Gilles Lipovetski e Alan Touraine.

Os primeiros estudos sobre a comunicação de massa, há mais de 50 anos, estavam ligados aos efeitos que a mídia causava nos receptores. Nos anos 30 e 40 a “teoria hipodérmica”, ainda considerava os receptores como sujeitos passivos. Esse modelo está ultrapassado, pois hoje, considerando os estudos de recepção de Martín-Barbero (1997) sabemos que existem mediações no processo de recepção das mensagens, embora boa parte das pessoas ainda considere a mídia “toda poderosa” e os sujeitos indefesos em relação a ela. Mas é urgente pensar que “o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo” (THOMPSON, 1998, p.13).



Nesse contexto, a escola era um lugar em que a mídia era estudada como um meio de influência negativa e prejudicial à educação de crianças e jovens. Inclusive nos anos 70, quando alguns filmes começaram a entrar na sala de aula com fins educativos, o objetivo era educar contra a televisão, ensinando a escolher bons filmes para o entretenimento. Nos anos 80 e 90, alguns professores começaram a trabalhar com a mídia na escola no aspecto da sua produção.

Hoje, além de produzir jornais em sala de aula ou simular um programa de rádio ou TV, a escola pode ir além, não só educando para a mídia, mas preparando crianças, jovens e adolescentes para compreender e se inserir na sociedade, considerando a convivência com as novas tecnologias de comunicação e informação. Por outro lado, a escola precisa rever as formas de educar, porque os sujeitos do seu foco de ação estão em constante transformação, numa velocidade bem maior do que há uma década.

Os sujeitos pós-modernos ou contemporâneos não estão mais presos a engajamentos coletivos limitadores. Buscam o prazer individual e o sucesso pessoal, coexistente com uma autêntica exigência ética estimulada principalmente pelas ameaças ao meio ambiente, ao estatuto biológico do ser humano e ao contexto econômico, ideológico e político. É preciso compreender o nosso tempo o mais próximo possível da imparcialidade, onde predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima e não mais uma entrega da pessoa a uma causa, a renúncia de si mesmo. Hoje o indivíduo está disposto a dirigir a si mesmo. “Os lugares tradicionais de sociabilidade (trabalho, Igreja, sindicatos, cafés) cedem terreno ao universo privatizado do consumo de objetos, de imagens e de sons” (LIPOVETSKY, 2004, p. 71).

Sem enfatizar qualquer tipo de pessimismo, Touraine (2006, p. 120), ao definir o sujeito contemporâneo, afirma que “somos continuamente desintegrados, fragmentados e seduzidos, passando de uma situação a outra, de uns estímulos a outros”. Vivemos hoje sob um novo paradigma em que os problemas culturais adquiriram tal importância que o pensamento social organiza-se em torno deles. Um paradigma não é só um instrumento nas mãos da ordem dominante, mas pode representar as vontades dos sujeitos de modo a construir suas formas de defesa, de críticas e de movimentos de libertação.

Como a escola está se preocupando em lidar com a educação desses sujeitos? Qual é o paradigma da escola ao educar e qual é o das crianças em relação a aprender? As tecnologias de comunicação e informação e as concepções que circulam hoje na sociedade indicam um caminho que prevê o diálogo entre as formas de aprender e



ensinar. De um lado a escola tradicional, com o ensino formal; de outro a mídia que também propicia algum tipo de formação e de modo tão contundente, que é difícil imaginar uma agenda de conversas em qualquer lugar ou faixa etária sem haver alguma forma de referência às temáticas veiculadas na mídia ou a um determinado comportamento ou representação dela advinda. Consideramos, portanto, que o diálogo e a aproximação entre comunicação e educação seja um passo importante para melhor compreender as mudanças que estão ocorrendo nas formas de aprender e ensinar.

A educomunicação não é a mera junção das palavras comunicação e educação, mas constitui-se de um conjunto de ações e de práticas baseadas justamente na possibilidade de diálogo entre dois discursos que se interpenetram de alguma maneira. A pluralidade dos discursos dessas áreas compreende também discursos de sujeitos que delas fazem parte, como professores, comunicadores, pais, alunos. A educomunicação é um novo campo de intervenção social, porque modifica e analisa as mudanças, faz pensar, e estabelece novos discursos e práticas. Sugere o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, mesmo que ela nasça de possíveis enfrentamentos em relação ao que pensam os outros dentro de um determinado contexto.

A comunicação para a educação – educomunicação segundo a visão de Mário Kaplun (1999) compreendia o uso da mídia para educar. A visão mais atual vê os meios de comunicação como formas de mediação para a educação, tanto dentro quanto fora da escola (Soares, 2000), considerando toda a complexidade que o pensamento abarca.

Desde a década de 90 Morin (1998, p.176) já indicava a Complexidade do pensamento. Ele considera a Complexidade não “uma receita, uma resposta”, mas um “desafio e motivação para pensar”, salientando a “incompletude do conhecimento humano”. Morin e Moigne (2000, p. 207) afirmam que “o pensamento é capaz de reunir (*complexus*: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto”. Assim, é necessário que a escola reflita as suas práticas, considerando ainda as transformações do mundo contemporâneo e as tecnologias. A Complexidade de Morin vai ao encontro do pensamento de Pierre Levy (1993 p. 135): “A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos”. O autor acredita que a inteligência se desenvolve quando interagimos com os outros. “Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro”. Levy não considera a técnica em geral boa ou má, neutra ou necessária. Ele acredita que não deve haver oposição entre o homem e a máquina. A técnica está



diretamente ligada ao modo do homem conhecer o mundo, representar esse conhecimento e, por meio da linguagem, transmitir essas representações.

Portanto, aprender e ensinar são formas complexas que compreendem a educação, nunca distanciada de um contexto histórico da formação do conhecimento humano, que passa pela linguagem, pela técnica e pelas relações que se estabelece na sociedade, inclusive com a mídia.

MÍDIA RADIOFÔNICA: RELAÇÃO DE PROXIMIDADE COM CRIANÇAS E JOVENS

A iniciação das crianças e jovens no rádio se dá por extensão, ou seja, eles começam a ouvir rádio porque em todas as residências há pelo menos um aparelho, assim como nos automóveis, e que normalmente é sintonizado por um adulto. O pai, a mãe, os avós ou outros adultos que moram ou trabalham nas residências costumam ligar o rádio para ouvir notícias, esporte ou música. Ou simplesmente para ter uma voz dentro de casa, criando a sensação de que há mais gente por ali, afastando um possível sentimento de solidão. O rádio está, portanto, impregnado na rotina da maior parte das pessoas, basta apertar uma tecla ou girar um botão.

Esse movimento inclui as novas formas de ouvir rádio, ou seja, internet, MP4 e celular. Porém a portabilidade e mobilidade do aparelho tornou a audiência, que antes era coletiva, individualizada. As mediações no processo de ouvir rádio tendem a novas roupagens, por causa dessa individualização. A mediação se dá a partir da cultura.” A mediação cultural é o terreno onde as informações se originam, o consumo se efetiva e o sentido é produzido” (JACKS, 1999, p.57). Ouvir rádio sozinho é diferente de ouvir rádio com pelo menos mais uma ou duas pessoas no carro, por exemplo. A propósito, é instigante observar como se comportam pais e filhos em relação ao rádio ligado no carro, quando viajam juntos. Normalmente, há conflitos, pois acertar o gosto musical de ambos é uma tarefa impossível para um programador. E este talvez seja um momento em que ocorra a mediação da família em relação à audiência das crianças, adolescentes e jovens quanto a programação que está no ar. É uma oportunidade de discussão – no bom sentido – das mensagens radiofônicas, sejam elas musicais ou informativas. Pais e filhos ouvindo rádio juntos é um ato em extinção. E só o fato de mencionar essa idéia já nos leva ao passado e às origens do rádio.

Hoje, crianças, adolescentes e jovens comportam-se perante o rádio de várias formas. A maioria deles, quando ouve rádio, sintoniza as emissoras FM e geralmente



para ouvir e pedir música ou interagir diretamente no ar com o locutor. Ouvir rádio AM somente quando os pais ligam o rádio na cozinha, pois no carro é quase impossível devido à péssima qualidade do som. Rádio é para esta geração sinônimo de interatividade, resultado de participação, de sentir-se parte de, e interferir de algum modo nos rumos da programação. Os que têm acesso à internet interagem pelo MSN diretamente com o locutor e cobram dele, por exemplo, por que seu pedido não foi atendido, por que determinada música que eles querem ouvir não está disponível naquele momento, etc.

O comunicador precisa, então, estar constantemente ligado no que o jovem quer, acompanhar as tendências musicais de seu tempo e dar espaço inclusive para a banda de garagem que está disponibilizando músicas pela web, fazendo shows e sucesso, sem passar pelo crivo das gravadoras. O jovem é aberto a esse tipo de manifestação cultural e a considera um movimento natural na cultura contemporânea. E deste ponto de vista, o rádio FM está mais próximo do ouvinte jovem porque interage muito mais com ele e aproxima a sua linguagem da juventude. E se não for assim, ficará sem ouvintes.

Não importa o lugar onde estejam, se na capital ou em uma cidade do interior, os jovens têm demonstrado comportamentos em relação ao rádio, fruto dessa cultura contemporânea em que a conexão e as redes aproximam pessoas, e tudo se fragmenta muito rapidamente da mesma forma que se esvai, descarta ou substitui uma coisa pela outra.

Uma pesquisa, DARONCO (2009), com 47 jovens (24 meninos e 23 meninas), na faixa etária de 15 a 18 anos, realizada em Ijuí, na região noroeste do Estado do RS, revela que o hábito de ouvir rádio aparece em quinto lugar em relação a outros hábitos de lazer, como assistir TV, passear com os amigos, praticar esportes e participar de festas. Entre os horários que mais ouvem rádio estão o turno da tarde e da noite, justificado pelo fato de que boa parte dos jovens estudam pela manhã. A maioria (33%) ouve rádio no carro, 21% ouvem na internet e 23% no celular. Porém se somadas as audiências desses dois últimos suportes temos 44% que ouvem rádio a partir de uma tecnologia mais moderna. O rádio de pilha não é mencionado pelos jovens e o MP3 é usado mais para seleção musical própria. A pesquisa ainda aponta que 39 dos 47 entrevistados acham o rádio divertido e o utilizam mais para ouvir música (25 deles) e também porque traz informações atualizadas de maneira rápida. Quanto ao tipo de atividades que o jovem faz enquanto ouve rádio, a pesquisa indica que 29% apenas descansam, 21% cantam as canções que estão tocando; 18% conversam com outras



peçoas;13% ouvem o locutor e 12% estudam, enquanto 7% trabalham. No que diz respeito ao tipo de programa que eles preferem destacam-se os musicais e humorísticos e os que abordam esportes. Quanto ao acesso aos outros meios de informação, a internet foi a mais citada, seguida da TV, jornais e revistas.

A interatividade, uma marca dessa geração, é executada pela maioria através da internet. 42% dos entrevistados interage pelo MSN com as rádios que ouvem; 25% opina e pede música pelo telefone; 13% por meio de torpedos via celular e 20% não interage com as rádios, apenas ouve. Quanto ao tipo de rádio jovem que gostariam de ouvir eles opinaram dizendo que gostam de músicas de todos os estilos, preferencialmente rock, pop e sertanejo universitário e que os programas devem ter assuntos discutidos pelos jovens como esportes, vestibular, cursos... Os locutores, segundo os jovens, devem restringir sua opinião aos espaços de interatividade com o ouvinte e não opinando toda hora. “ As músicas devem ser de qualidade; a programação deve conter humor; os comunicadores precisam falar mais com o público ou sobre o público jovem e que tenha mais participação ao vivo. Enfim uma rádio culta, inteligente e divertida”(DARONCO, 2009, p. 47).

Embora haja uma relação intensa dos jovens com o rádio, não se pode dizer o mesmo das crianças, pois programas infantis na mídia, há de sobra na televisão e são raros no rádio. Em Ijuí e na região de abrangência da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, somente a Rádio Unijuí FM, Educativa, mantém um programa voltado para o público infantil, que vai ao ar aos sábados, após o meio dia. É o Programa Roda Gigante, de responsabilidade do Curso de Pedagogia da Unijuí. A proposta inclui músicas infantis, dramatizações de textos literários e histórias infantis e interação com escolas. Ele tem apenas meia hora de duração. E é o único exemplo que se tem notícia em toda a região noroeste do Estado.

Mas conforme afirmamos anteriormente, as crianças ouvem rádio, de forma aleatória, quando está ligado. Porém, a programação não é feita para elas e sim para os jovens e adultos. Entretanto, elas vão se familiarizando com a linguagem do meio e o reconhecem com facilidade e durante palestras que ministramos em escolas, pudemos verificar que reconhecem inclusive formatos, tendo preferências por tipos de informações, determinados estilos musicais e vozes de determinados locutores.

As crianças, assim como os jovens e os adultos, criam representações dentro da cultura em que se inserem e as mensagens dos meios de comunicação contribuem para formar novas representações sobre o mundo e a realidade que as cerca. Também o rádio



contribui para isso e principalmente produz sentidos a respeito do aspecto local, que está presente na maior parte das pautas do dia a dia do rádio. Ouvir-se no rádio ou reconhecer a voz de alguém que elas conhecem é sempre mencionado por elas durante encontros do Projeto de Extensão e palestras, o que demonstra que o rádio influi de alguma maneira na sua formação e cria representações para sua vida.

EXTENSÃO E PESQUISA: A UNIVERSIDADE LEVA O RÁDIO À ESCOLA

Além do Ensino, os outros dois eixos de atuação da Universidade é a Extensão e a Pesquisa. O Curso de Comunicação Social da Unijuí desenvolve desde 2008 o Projeto Rádio na Escola, que tem a função de implantar emissoras internas de rádio nas escolas. A experiência está sendo desenvolvida em escolas públicas da rede estadual de ensino no município de Ijuí, com a pretensão de ano a ano cobrir uma área maior de abrangência.

A proposta do Projeto prevê três etapas. Na primeira ocorre o contato com as escolas, previamente selecionadas, para apresentar o Projeto e as palestras sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea. A segunda etapa constitui-se de Oficinas de Capacitação onde um grupo de alunos e professores, que depois vão atuar como multiplicadores do processo, vai até a Universidade nos laboratórios do curso fazer as oficinas de rádio. A última etapa é a Universidade que volta à Escola para implantar os rádios, a partir da estrutura e da realidade de cada uma.

Durante esse período são realizados encontros semanais num primeiro momento e quinzenais num segundo, com o objetivo de discutir a proposta de cada emissora, programação, pautas, estilo musical e formatação. Depois de inaugurada publicamente com participação da comunidade, os alunos iniciam as apresentações dos programas, geralmente na hora do recreio e em ocasiões festivas na escola. Em 2009 as escolas vivenciaram também experiências de programas ao vivo sobre a participação delas em eventos regionais como a Exposição Feira do Município, no Parque de Exposições, e a Feira do Livro, na praça central da cidade.

O Projeto tem a duração de março a dezembro em cada escola e conta com a participação de uma bolsista para a sua execução. As rádios normalmente são inauguradas no mês de junho e até o fim do ano acompanhadas semanalmente ou quinzenalmente quanto ao processo de captação das informações, seleção, produção e



edição até a veiculação dos programas, que têm a coordenação de um a três professores por escola.

Durante o ano de 2008 o Rádio na Escola foi implantado em duas escolas; em 2009 em mais duas e em 2010 são três as novas escolas contempladas, com assessorias as outras quatro dos anos anteriores.

A proposta do Projeto tem obtido resultados além da expectativa e gerou neste ano de 2010 o interesse pela pesquisa científica a ser desenvolvida não só com as crianças e jovens que já participam do Projeto, mas também com estudantes de outras escolas, incluindo as particulares. A idéia é que se possa refletir sobre o papel do rádio na formação dessas crianças, a partir da posição deles no lugar de emissores e não de receptores da informação. Eles serão pesquisados, a partir do segundo semestre. como produtores de conhecimento, inseridos em um determinado contexto cultural que envolve família, escola e sociedade.

Observa-se até aqui que o rádio dentro da escola tem sido fator importante para o exercício consciente da cidadania e o desenvolvimento do senso crítico. Cabe compreender agora, como as crianças e jovens aprendem e produzem conhecimento a partir da mídia e das tecnologias de informação e comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já sabemos o que as crianças aprendem a partir da execução do Projeto Rádio na Escola. Agora, queremos investigar como elas aprendem e, automaticamente, como os meios contribuem para essa aprendizagem a partir das formas que esses estudantes manipulam os meios e as tecnologias. Isso deve influir também, como consequência, nos modos dos professores conduzirem o processo dentro da sala de aula.

A existência de múltiplos fatores que influenciam no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos jovens, entre os quais podem ser incluídos a família, a escola, os amigos etc. revela como é necessário ter por horizonte um contexto mais amplo quando se trata de pensar os mecanismos de circulação social das mensagens dos veículos de comunicação, assim como os procedimentos mediante os quais elas são apreendidas pelos destinatários (CITELLI, 2002, p.102).

Cabe observar ainda quais são as similaridades e as diferenças entre os modos de aprender e ensinar, respectivamente, dos alunos e professores que participam do projeto. Sabemos que vamos encontrar essa dicotomia em razão de que já observamos isso de forma não empírica no desenvolvimento do Rádio na Escola.



Os alunos das escolas que participaram do Projeto em 2008 e 2009 demonstraram o desenvolvimento de suas habilidades orais e de expressão e a visão crítica sobre o processo de comunicação na aplicação das técnicas, através de programas radiofônicos produzidos por eles. Isso significa que, potencialmente tais participantes passam a compreender melhor a sociedade em que vivem, a cultura da qual fazem parte, os valores que estão se perdendo, o modo de vida das comunidades e as ações produzidas cotidianamente e que interferem nessa sociedade.

Por outro lado, ao longo do processo, um dos resultados mais importantes conquistados por eles foi a conquista da autonomia e o desenvolvimento da auto-estima a partir da possibilidade de se sentirem capazes de pensar, criar e produzir por si mesmos, ao mesmo tempo em que aprenderam a administrar situações conflituosas em grupo, prevalecendo o bom senso do que era mais importante para atingir os objetivos propostos pelo trabalho e não os interesses individuais. É, portanto, um Projeto que vai além do rádio na escola, para se tornar um aprendizado para a vida em sociedade, tornando-os sujeitos mais fortes, e aptos a defender interesses da comunidade. Como consequência, isso poderá despertar o espírito de liderança e a livre iniciativa.

Percebemos que este tipo de pesquisa se faz necessário porque assim como as tecnologias são suplantadas muito rapidamente, também as gerações se comportam com velocidade semelhante nas suas percepções do mundo e isso deve influir nas práticas e ações do processo educativo que envolve professor-escola-aluno e família.

Aproximam-se assim dois campos do conhecimento, comunicação e educação, a partir do veículo rádio e de outras mídias e tecnologias. Abre-se também um maior espaço para a atuação do educador, profissional da área de comunicação que faz a mediação dos processos comunicativos dentro da escola e para fora dela. Ele estaria habilitado para realizar não só um trabalho de assessoria, mas discutir idéias e planos de ação tendo em vista a comunicação interna e externa da escola, colaborando para uma maior compreensão dos processos comunicacionais dos meios, fortalecendo inclusive ações como as provocadas pelo Rádio na Escola.

As crianças e jovens não se interessam mais pelo quadro de giz. Sua cultura está gestada pelas relações com os sistemas audiovisuais, pelas conexões em rede, pelos dispositivos tecnológicos e digitais. Eles querem algo mais que uma aula expositiva. Desejam sair do espaço das quatro paredes da sala de aula para experiências que os façam sentir-se incluídos e participativos. Eles querem experimentar, vivenciar e fazer



movimento. Nada que seja tão demorado ou trabalhoso, mas ações rápidas de resultado imediato em que consigam vislumbrar que aquilo tem um sentido no seu mundo.

A promessa de futuro parece estar muito distante. Esta geração quer o agora, quer encontrar significados naquilo que faz parte do seu presente e assim vai antecipando o que será o amanhã. O conhecimento é mediado, colaborativo e aberto. Não é mais importante que um líder tome a frente ou aja pelo grupo. O grupo anda mesmo sem um líder, somando opiniões, pontos de vista e a vontade de todos.

As crianças e os jovens não se limitam a posição de ouvintes. Eles querem emitir opiniões e dizer por que estão aqui agora, mesmo que ainda não tenham certeza de onde querem chegar.

O rádio, ao lado de outras tecnologias e das mídias, como uma prática educacional na sala de aula, é um recurso importante nas rotinas de aprendizagem porque propicia o conhecimento da realidade de professores e estudantes e ao mesmo tempo amplia a visão de mundo deles, a sua inserção na sociedade e a reflexão sobre ela. Isso resulta em atitudes críticas, tornando-os cidadãos mais responsáveis e atuantes. O Projeto de Pesquisa vai resultar ainda na criação e organização de um banco de dados, textos e material bibliográfico, com referencial teórico da área de educação, tecnologia - rádio - e comunicação, para pesquisa sobre o tema proposto, disponível a acadêmicos, professores e pesquisadores da área da comunicação e da educação; e, ainda, na produção de artigos científicos e/ou livros para socialização dos resultados da pesquisa, bem como na aproximação das áreas da comunicação e da educação.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: aproximações. In BACCEGA, Maria Aparecida. **Gestão de processos educacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

DARONCO, Neila Fabiane. **Recepção radiofônica**: os jovens e sua relação com o rádio. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social. Ijuí/RS:UNIJUI, 2009.

JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

KAPLUN, Mário. **Processos educativos e canais de comunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo: CCAECA-USP/Moderna, n.14, jan./abr. 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.



LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfose da cultura liberal**: ética, mídia, empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad.: Maria D.Alexandre e Maria Alice Smpaio Dória. 2ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

_____ e LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. Trad.: Nurimar Maria Falci. São Paulo. Petrópolis, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-USP, n. 19, set./ dez.2000

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.